

ENIO BUFFOLO

“ ... não preciso colocar o logotipo da Escola porque todos sabem o que sou, de onde venho. Não tenho duas camisas.”

Sou oriundo de uma família pobre, que lutou muito durante os primeiros anos da minha vida. Morávamos meu pai, minha mãe, eu e meu irmão no mesmo quarto... Ao longo do tempo, com o esforço do meu pai, fomos conseguindo ter alguma coisa. Ele é de Piracicaba; minha mãe é daqui de São Paulo, Capital. Os quatro avós são italianos, de locais distintos da Itália: desde o norte até o sul.

Apesar de sermos pobres, minha infância foi muito feliz. Não posso dizer que tive nenhum problema... E não tinha idéia de ser médico – aliás, achava que, se havia uma coisa que eu não iria ser, era médico! Não tinha parentes diretos médicos na família; não podia ver acidente que me maltratava muito...

Devido a essas dificuldades financeiras, fiz colégio do Estado. Na época, eles eram ótimos – os melhores! Tínhamos o Caetano de Campos, o Roosevelt, que formaram muitas pessoas... Eu estudei no Roosevelt e, no final do que naquele tempo se chamava científico, como não sabia o que iria fazer, fiz um teste vocacional por minha conta. Ninguém me falou para fazer, mas como eu estava totalmente desorientado, decidi sozinho... De todo o elenco de opções, para minha surpresa deu Medicina e Ciências Humanas. Foi baseado nesse teste que achei que eu deveria fazer vestibular pra Medicina.

Nesse ínterim, eu tinha um tio avô, irmão do meu avô, que era professor neurologista da Escola Paulista de Medicina e tinha uma grande clínica neurológica: Otávio Limmi. Era o ídolo da família, porque era o indivíduo mais bem sucedido. Era contemporâneo do professor Aloísio Mattos Pimenta, do professor Pupo, do professor Paulino Longo... A Escola tinha uma tradição de neurologia fortíssima! O Dr. Mattos Pimenta, neurocirurgião, foi presidente do Congresso Mundial de Neurocirurgia... Havia, pois, uma tradição muito forte.

Resolvi fazer vestibular somente na Escola Paulista de Medicina. Não fiz na Pinheiros, porque meu tio era professor aqui. E minha história começa com uma sorte tremenda, porque existia um alvoroço, um comentário de que aqui na Escola se vendiam provas de vestibular... Fui falar com meu tio, que me mandou cair fora e tratar de estudar em vez de ir atrás dessas histórias... O que aconteceu é que, no meu ano, em 1960, se descobriu que vendiam provas – e o exame foi anulado. O diretor da Escola, na época, era o Dr. Marcos Lindenberg, da Patologia, e o responsável pelas provas era o Prof. Sidney Leser. Foi uma traição para todos, porque quem vendeu as provas era o funcionário que mimeografava.

Isso foi descoberto porque era meu contemporâneo e colega de cursinho o João Carlos di Gênio, hoje dono do Objetivo. Ele era um indivíduo que tirava o primeiro lugar em todas as provas simuladas! Era um gênio, mesmo. Ele comprou a prova e denunciou. Então, o concurso foi cancelado e houve um outro exame. Daí, a turma toda teve a chance de entrar; se não, todos teriam sido reprovados, porque havia 60 vagas e 64 provas vendidas. Essa é, vamos dizer assim, minha fase pré-médica.

Entrei na Escola em 1960, uma fase de bossa nova, de jovem guarda, de Beatles, de Elvis Presley... Muita coisa acontecendo no mundo! Na minha vida, em particular, também havia uma carreira paralela, de esportista. Já no científico eu jogava futebol de salão em um time semi profissional, o Banespa Futebol Clube. Desenvolvi paralelamente à atividade de aluno de Medicina, com todas as atividades esportivas da Escola: eu participava do time de vôlei da Escola, time de futebol de campo, time de futebol de salão. Além disso, tinha a atividade médica. E conseguia destaque como médico e como esportista.

No terceiro ano, por volta de 1962 ou 1963, já comecei a me interessar em mexer com doente. Nessa época, tínhamos tempo ocioso, porque o curso não nos ocupava o tempo inteiro e nem era muito rigoroso... Você entrava na Escola e acabava se formando sem estudar muito... Procurei meu tio e ele me aconselhou: “Olha, você não vai fazer Neurologia, mas Neurocirurgia. Eu, como Neurologista, não resolvo quase nada. Faço o diagnóstico e sou obrigado a mandar para o Pimenta, que opera”. Então, ele me mandou conversar com o professor Pimenta.

Ele era um homem muito duro, de formação alemã. Quase não conversava e era praticamente inacessível. Um dia fui conversar com ele e, mesmo sendo sobrinho de um colega de turma dele, ouvi: “É muito cedo para você pensar em Neurocirurgia. Você tem que aprender duas coisas: alemão e equilíbrio ácido-básico”, que na época era uma coisa que estava começando para apoiar os doentes graves, cirúrgicos...

Alemão eu não fui aprender e não sei até hoje. Mas achei que o equilíbrio ácido-básico eu iria aprender. Na época, o lugar onde isso estava mais avançado era o Instituto de Cardiologia Sabato D’Angelo, que estava desenvolvendo a circulação extra-corpórea, que causava os maiores desarranjos no organismo. Fui até o Instituto – com o doutor Hugo Felipozzi e o doutor Sergio Paladino, que fazia a parte metabólica –, comecei a freqüentá-lo com muita dedicação e me apaixonei por isso.

O doutor Hugo Felipozzi tinha a atividade privada dele, a da fundação, e era professor assistente na Escola. O chefe da cirurgia cardíaca aqui era o professor Costabile Gallucci. Eles eram quase irmãos: tinham uma afinidade muito grande, uma amizade que durou a vida inteira! Então, o doutor Hugo sugeriu que eu viesse trabalhar na Escola com o Gallucci. Me apresentei para ele, que começou então a me dar oportunidades. A cirurgia cardíaca com extra-corpórea estava começando e eu peguei esse começo... Entrei em 1963 e a primeira cirurgia tinha sido feita em 1961.

O doutor Gallucci teve o grande mérito de formar uma escola! Havia pessoas que não eram cirurgiões cardíacos – que faziam quase que por obrigação. Ele deu chance para uma leva de moços; muitos, pelas oportunidades, passaram a fazer cirurgia cardíaca. Eu, entre eles. Alguns não continuaram, mas foram expoentes em outras áreas. Da minha época, tem o doutor Boris Baroni, que foi assistente da Gastro; doutor Paulo Pontes, Otorrino; doutor Vicente Forte, chefe da Cirurgia Torácica; doutor José Ernesto Succi; Moacyr Godói, chefe da Cardiologia em Rio Preto; Gilberto Vieira, professor da Endocrinologia; Caio Auriemo, dono do laboratório Auriemo... E muitos, muitos outros! A escola da cirurgia cardíaca foi extraordinária! Além do trabalho na Escola, o doutor Gallucci ainda nos escalava na clínica dele, para instrumentar os doentes particulares – e isso nos manteve financeiramente.

Paralelamente, continuei com o futebol. Existe, aliás, um episódio de que me orgulho muito. Tenho recortes disso! A Gazeta Esportiva fazia, todo fim de ano, um levantamento com os repórteres para saber quem era o destaque nos diferentes esportes: tênis, futebol, vôlei, judô, e daí para frente... Eles faziam uma enquete pra eleger o esportista do ano em cada modalidade. E eu fui eleito o melhor jogador de futebol de salão daquele ano de 1963! Três dos esportistas tiveram unanimidade, sendo votados por todos os repórteres: a Maria Ester Bueno, que tinha ganho o torneio de tênis de Wimbledon; o Pelé, pelo futebol; e eu! Os três que tiveram unanimidade! Esse é um título que ninguém vai me tirar! Tenho guardadas na minha casa as comprovações disso.

Eu jogava no Banespa. Era do time principal, junto com o Rivelino. O Ulysses também jogava; era meu juvenil. Tem uma diferença de mais ou menos seis anos entre as gerações... Ele jogou muito bem, não só futebol de salão como futebol de campo. Na época em que eu era do time principal, estava vindo uma molecada muito boa que jogava na preliminar do nosso jogo: ele, o Rivelino e outros que foram para o Corinthians...

Além disso, também joguei pelo time da Escola, que já havia ganho todos os campeonatos: campeonato paulista, brasileiro, sul-americano, universitário da PUC... Ganhamos todos os campeonatos disputados! Mas a Pauli- Poli era muito difícil, porque a Politécnica tinha muito mais alunos do que nós! Naquele ano, 1963, nós ganhamos – e o que definiu foi o final: o jogo de futebol de salão.

Depois que me formei, parei de jogar futebol porque a gente se machucava muito... E eu ia fazer cirurgia! Na véspera do meu casamento, final do campeonato paulista com o Ipiranga, fraturei a mão. Perdemos para o Ipiranga e me casei com a mão fraturada. Por isso, achei que não devia mais jogar. Não cheguei mais perto da bola e me dediquei só à Medicina. Minha vida passou a ser Medicina.

Fiz a residência, o Doutorado – na época não tinha Mestrado –, a livre docência e fui um titular muito cedo: em 1989; relativamente jovem. Tudo isso com a chance que o doutor Gallucci me deu... Meu chefe foi mais que um chefe! Foi um pai. Tratava a gente como filho. Devo a ele todas as oportunidades que tive. Ele vibrava quando a gente progredia – diferente de outras pessoas, que ficam com inveja... Ele nos tratava como filhos e dizia: “puxa, que bom que você conseguiu!”. Falava bem de nós, dizia que tínhamos futuro... Era uma pessoa de uma cultura humana extraordinária, de uma sensibilidade... Foi um grande líder aqui na Escola – um grande líder que não aparecia, mas que tinha as opiniões ouvidas por todo mundo. Diante de uma grande encrenca, ouviam a opinião dele.

O resto foi sendo conseqüência... Além do progresso universitário na Escola, eu tive um certo sucesso profissional fora, na cirurgia privada. Acumulei durante todos esses anos uma atividade mista. Normalmente, é difícil conciliar a imagem do professor com o profissional: ou a pessoa é mais uma coisa ou mais outra... Muita gente acha que eu sou mais professor; eu acho que sou muito mais médico! O fato de ser professor é uma conseqüência do que faço como médico. Minha carreira não é orientada para ser professor, mas para cuidar do doente. E os outros vão copiando isso, vão fazendo...

Tive muitas distinções: fui o primeiro presidente da Sociedade de Cirurgia Cardíaca do Estado de São Paulo, presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Cardíaca, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia, membro de comitês editoriais de revistas aqui e do exterior... Também tive algumas honrarias, como Médico do Ano, que recebi há quatro anos em uma votação de todos os colegas de todas as faculdades. Também sou Professor Emérito de algumas Universidades: Miami, Pequim, Universidade de Guyang.

Mais recentemente, soube da homenagem que recebo em abril de 2008, na Grécia. Eles pegaram um grupo de poucas pessoas que contribuíram para o progresso da cirurgia cardíaca e fizeram um monumento a Hipócrates na ilha de Kós, onde nasceu Hipócrates. Como distinção, no sentido de coisas que colaboraram para o avanço da cirurgia cardíaca, nós vamos assinar esse monumento.

Isso é devido a uma técnica que desenvolvi para fazer cirurgia de ponte de safena com o coração batendo, em vez de parar. É muito mais amistoso e menos agressivo para o doente. É a base de tudo o que aconteceu nos últimos 20 anos na cirurgia minimamente invasiva – que agride o doente o mínimo possível. Esse trabalho, que publiquei em 1982, tem numerosas citações internacionais. É o segundo trabalho mais citado na literatura médica nacional por pessoas do mundo inteiro. Isso foi reconhecido pela Fapesp e pela Academia Nacional de Medicina.

Desenvolvemos essa técnica na Escola e na atividade privada também, porque a maioria da casuística vem dessa atuação. No começo de 2006, publiquei a experiência total, de 23 anos, no *The Annals of Thoracic Surgery*. São 3.900 doentes, aproximadamente. Juntei todos eles e publiquei os resultados nessa série, que é uma das grandes séries da literatura.

Saindo do campo da Medicina, tem uma faceta muito esquisita minha: gosto de criação de cavalos. Meus amigos de fim de semana não são médicos! São pessoas que gostam de cavalo! Tenho criação de cavalo de corrida e, apesar de ser um criador pequeno, consegui ganhar o Grande Prêmio São Paulo, o Derby – tanto que no dia da homenagem como médico do ano, minha esposa fez como surpresa um filme de algumas coisas da minha vida, e uma delas era a corrida do Grande Prêmio São Paulo, que nós ganhamos!

Essa é minha distração: estudar pedigree, cruzamento... Acho muito bonito, porque é uma coisa difícil! Tem muita sabedoria em fazer a diferença entre um atleta e um craque... Você pode criar um indivíduo sadio, mas um craque é muito mais difícil... Em cavalo a gente vê bem isso. Você não está criando para uma exposição, mas para ser um atleta. Hoje, ainda, tem o lance de

ganhar dinheiro com isso, porque os cavalos brasileiros são muito competitivos no exterior – igual a jogador de futebol. Antigamente precisava mostrar que era craque, ganhar o Grande Prêmio São Paulo ou Brasil, para vender para fora. Hoje não. Se começou a pintar bem, os americanos, africanos e europeus já vêm e compram.

A paixão por cavalos começou com meu pai, que me levava no Jóquei quando pequenininho. Só que, na época, nós não podíamos ter cavalo de corrida... Tomávamos uma lotação na Praça do Correio, íamos de lotação e guardávamos o dinheiro da volta. Isso é muito engraçado, mas não é mentira! Ele separava o dinheiro do lotação da volta para não apostar! E esse é um gosto que não perdi... Tenho até hoje... As coisas que faço no fim de semana são relacionadas a isso. E não é para ganhar dinheiro, mas sim uma distração depois de tanta tensão durante a semana.

Em cirurgia cardíaca, você relaciona nitidamente o desfecho. Você sente que, às vezes, matou um doente com uma atitude infeliz... Quando você é clínico, receita um medicamento, mas não associa a sua atitude com uma caneta com o desfecho de uma morte... Mas, quando você opera, o doente entra vivo na cirurgia e, às vezes, com uma atitude infeliz, você esgarça uma aorta, por exemplo... Aí fica pensando: “Mas se eu tivesse feito isso, se eu tivesse feito aquilo, será que o desfecho teria sido o mesmo?”. É uma tensão muito grande...

Até indicar a cirurgia é uma situação delicada. Quando o doente senta na sua frente, você precisa estar muito convencido de que ele precisa da cirurgia para indicar a operação. Se não, é muito difícil. Às vezes, a gente erra para mais – e, às vezes, para menos. Às vezes você não indica, porque acha que dá para o indivíduo ficar mais tempo assim... Mas se você erra é uma encrenca... Essa tensão é muito grande e nós precisamos de um regulador, que no meu caso são os cavalos, com certeza...

Na minha formação na Escola, além do professor Gallucci, muitas outras pessoas foram marcantes. Na minha sala, tenho uma hierarquia de influências: professor Gallucci, Silvio Borges, Hugo Felipozzi. Silvio Borges foi um gênio da Cardiologia! O professor Hugo Felipozzi foi o pioneiro da cirurgia cardíaca na América do Sul. Por ironia, acabei operando seu coração aos 83 anos de idade!

Além deles, outras pessoas tiveram influência... Nenhum médico da minha geração vai dizer que o professor Alípio Correia Neto não foi importante. Era um gênio! Uma pessoa muito inteligente, um mineirinho humilde para quem você não dá nada quando vê... Falava pouco, mas quando falava, era tudo o que precisava ser dito! Na cirurgia, ele é o grande modelo; foi o chefe de todos.

Sem estar diretamente ligada a mim, uma pessoa que me influenciou foi o professor Nylceu Marques de Castro, que foi diretor da Escola e teve uma morte trágica. Apesar de eu não ter um contato muito grande com ele, ele era um dos paradigmas para mim e para todos da minha geração. Nós íamos atrás de onde ele ia, porque sabíamos que ele estava certo.

Não posso deixar de falar do professor Jairo Ramos, que dessa geração mais velha foi o grande líder da Escola! E, dessa geração mais nova, o professor Oswaldo Ramos. Sem estar cometendo nenhum exagero, acho que a excelência da qualidade científica da Escola e o rumo que ela tomou têm uma influência do Oswaldo Ramos. Ele pôs a clínica médica lá em cima, não só do ponto de vista de assistência, mas principalmente de pesquisa... Todos os professores da clínica médica da geração contemporânea devem muito a ele. Costuma-se falar de “escola oswaldiana”, e esse é o modelo que ele criou: do indivíduo fazer o curso médico, fazer a residência, fazer uma tese, um pós-doutorado no exterior – coisa que a Escola não faz – e voltar trazendo uma contribuição.

Eu fiz um período de estágio de exterior. Na época em que estava surgindo a cirurgia de coronária, fui para a Cleveland Clinic. O professor Gallucci me mandou lá para ver o que estava acontecendo, pois foi lá que começou a ponte de safena. Fui em 1971, quando começamos... Na minha volta, iniciamos cirurgia de ponte de safena. A primeira que fizemos foi em abril de 1971, com o conhecimento trazido de lá. De todo modo, foi por um período que não chegou há um ano – tinha tanta gente na Cleveland Clinic, do mundo inteiro, que eu era um grãozinho de areia! Todo o mundo ia lá para aprender isso! E, como aqui eu tinha uma tremenda oportunidade e ninguém fazendo isso, a hora que senti que já tinha visto as coisas que deveria ver, voltei e começamos aqui.

Hoje, também acontece o inverso, porque a cirurgia cardíaca do Brasil é internacionalmente conhecida – e seu começo foi na Escola Paulista de Medicina. O Dr. Zerbini era daqui e, quando veio pra cá, tinha uma plêiade de assistentes que era a fina flor! Muitas pessoas de destaque trabalhavam com ele aqui: Luciano Prata, Costabile Gallucci, Mario Degni, Emilio Vita Filho, Hugo Felipozzi... Nessa época, o Dr. Adib Jatene era instrumentador. As primeiras anestésias para cirurgia cardíaca foram feitas aqui, com o Pedro Gereto. Depois, o Dr. Zerbini foi para a Faculdade de Medicina e levou o Dr. Adib para lá – o que foi uma tremenda escolha certa, porque boa parte do seu sucesso, aliada à extraordinária capacidade de trabalho, foi ter escolhido as pessoas certas.

Aqui, nós ficamos com o Dr. Hugo Felipozzi, que foi o pioneiro, em toda latinoamérica, da cirurgia extra-corpórea. Seu grande mérito foi o seguinte: em vez de copiar o que se fazia no exterior – máquinas, válvulas –, ele resolveu fazer isso aqui no Brasil, o que nos diferenciou de todos os países da América do Sul. Enquanto eles iam comprar nos Estados Unidos, o Dr. Hugo criava a mentalidade que perdura até hoje: de fazermos nossas coisas aqui. Esse é o fulcro!

A cirurgia cardíaca faz muitas máquinas de extra-corpórea, muitas válvulas cardíacas... Já fez marcapasso, numa época em que compensava fazê-lo... Hoje, temos na Escola a maior experiência mundial de Stents de aorta, feitos na indústria nacional! Essa é uma idéia muito boa que impregnou a Escola, o Dr. Adib, o Instituto de Cardiologia Sabato D'Angelo... O Dante Pazzanese fazia válvulas e oxigenadores e distribuía no Brasil inteiro! Então, somos auto-suficientes!

Além disso, temos contribuições muito originais da cirurgia cardíaca brasileira, a tal ponto de um norte-americano ter escrito um editorial, numa revista, cujo título era: “Por que os cirurgiões brasileiros são tão criativos?”. No texto, ele dizia as coisas que se fazia aqui no Brasil...

Temos a contribuição do Dr. Zerbini em válvulas de dura-mater, que, em uma época, era usada no mundo inteiro... Temos a cirurgia de transposição do Dr. Adib Jatene, que leva o nome dele... Temos a cirurgia do Carlos Roberto Moraes, de Recife, de uma doença rara, chamada endomiocardiofibrose... Tem a cirurgia sem extra-corpórea, que já comentei... Essas são contribuições que todos reconhecem! Isso sem falar naquelas que são discutíveis!

Tenho no meu consultório um relatório da Academia Nacional de Medicina dizendo áreas de excelência no Brasil. Tem coisas muito curiosas! As maiores contribuições mundiais em despoluição de rios, por exemplo, são do Brasil. Na área de Medicina, está em primeiro lugar a cirurgia cardíaca – e eu achava que era a cirurgia plástica, que também é muito reconhecida no exterior.

Na nossa área, existe uma contribuição polêmica do doutor Randas Batista. Ele é um indivíduo gênio, mas exótico. De corações muito grandes, ele tirava um pedaço – uma técnica chamada ventriculectomia. Isso rodou o mundo inteiro e depois caiu em desuso, mas é possível que seja reabilitado de uma outra maneira.

Por outro lado, a cirurgia cardíaca brasileira está pagando o preço de uma situação que estamos vendo e que se relaciona às condições de trabalho. Recentemente, nossos colegas do Nordeste se demitiram em massa, porque é uma coisa aviltante receber 80 reais por uma cirurgia cardíaca... Os dirigentes, além disso, colocam os doentes da fila, esperando cirurgia, brigando com o médico... Assim fica muito difícil! Estamos pagando o preço pelo caos do atendimento na Saúde! Todos falam do caos do aeroporto, mas ninguém fala do caos no atendimento de Saúde! Tenho uma fila de 200 doentes para operar – só de válvula! E isso não aparece, porque o investimento é igual um saco sem fundo... Gastar dinheiro com saúde não aparece muito...

Existe uma desproporção entre a qualidade dos profissionais, e do que são capazes de fazer, e o atendimento público. Na rede privada, que tem hospitais de excelente qualidade, se usufruiu disso. São Paulo compete com qualquer hospital do mundo em termos de qualidade... Mas em rede pública acontece isso que se vê no noticiário. Quem passar no corredor do Pronto Socorro do Hospital São Paulo vai entender do que estou falando...

Na minha opinião, a expansão da Unifesp é inevitável... Só que acho que ela vai mudar muito as características... Ainda estamos ainda pensando na nossa instituição como Escola Paulista de Medicina, e os professores ainda não entenderam direito o que é funcionar como Universidade.

Vai ser muito difícil fazer a nova estatuinte, porque vamos raciocinar sobre muita coisa em termos daquilo que somos, sem ter noção do que vai acontecer.

Que, seguramente, a Escola vai mudar de característica – vai. Que, seguramente, a área médica e profissional vai perder muito – vai. Isso aconteceu na Unicamp, na Unesp, na USP... E eu arriscaria mais: vai ser muito difícil termos um reitor médico nas eleições subseqüentes... Mas acho que é inevitável. Estamos numa fase, hoje, de crescer ou de sucumbir.

O professor Oswaldo Ramos defendia a idéia que a Escola deveria se transformar numa Universidade, mas muito limitada à área de Saúde, que foi o que aconteceu até recentemente. Tínhamos área de Ortótica, Enfermagem, Fonoaudiologia... O que houve, em seguida, foi uma ampliação muito maior das áreas de atuação.

Ainda temos a idéia de que tudo se resolva na Escola Paulista de Medicina... Mas muito brevemente a Reitoria vai ter que mudar de lugar, para ter uma visão do todo, não só da Escola e do Hospital... E isso vai representar uma mudança de filosofia. Como, por exemplo, vamos fazer a composição do Consu? Não é possível que os médicos sejam a maioria, e a tendência é realmente essa.

Esta expansão extraordinária está acontecendo na gestão do Ulysses. Na gestão anterior, o Helio deu uma expansão muito grande para a parte social e fez a Escola crescer tremendamente no aspecto social: de atendimento, na humanidade... De modo geral, as últimas três gestões têm feito a Escola crescer muito em campos de atuação, em sair da Vila Clementino, em ser considerada realmente uma Universidade... Essa é a diferença fundamental. E que nunca mais ela vai ser como antes – isso com certeza!

O que vai precisar ser feito é uma estatuinte inteligente, em que essas participações estejam proporcionalmente representadas, porque senão acontece o mesmo que nas outras universidades: as pessoas mais reivindicantes e atuantes acabam tomando conta em prejuízo das outras. A estatuinte tem que prever isso e dar um equilíbrio para que as áreas se desenvolvam – mais do que tudo, porque aqui temos um caminho europeu, da inteligência coletiva. Temos que imbricar os conhecimentos e partir para as patentes.

Hoje nós raciocinamos em termos de produção científica como publicar trabalho. Nas universidades mais adiantadas do mundo, como Stanford, produção científica é criar uma patente. E onde vamos fazer isso? Não é mais com minha cabeça e nem com a do técnico. Devemos fazer a aproximação de assuntos afins. Se preciso desenvolver uma circulação extra-corpórea que dê menos reações inflamatórias, vou me associar com a Biologia Molecular, estudar um projeto conjunto... Isso vai ter que ser obrigatório para que a interface aconteça.

Acho que nisso a expansão é vantajosa. Nós vamos ter a chance de crescer, por exemplo, na área de Ciências da Computação... Eu posso querer desenvolver um projeto de treinar por cirurgia virtual, igual se faz com piloto de avião, em joystick... Hoje nós não temos chance de fazer isso, mas será que com São José dos Campos nós não poderemos fazer? Ou desenvolver um material especial para uma válvula cardíaca? A Universidade funciona para isso: para a inteligência coletiva superar a inteligência individual. Esse é o caminho que vejo... Vai ser um caminho de turbulências, até nos adaptarmos... Mas teremos que entender e não oferecer resistência, porque a tendência inicial é essa.

Acho que a Escola tem, sim, algumas coisas para corrigir. Uma delas é o fato de ser, hoje, muito mais voltada para a pós-graduação do que para a graduação. No passado, ela tinha excelência em graduação, tanto que os alunos saídos daqui ganhavam qualquer concurso aí fora. O curso médico era muito bom, e ultimamente não tem sido... Hoje, o professor gosta muito mais de trabalhar com pós-graduando... Acaba achando que aluno da graduação é chato, não quer ensinar coisa primária... À tarde, deve ter 12 ou 13 alunos numa aula de graduação; às cinco da tarde, o anfiteatro está cheio de alunos de pós! Acho que a pós-graduação, de uns anos pra cá, acabou tomando um espaço muito maior, tanto que o aluno já está aceitando isso: ele se forma contando que vai fazer residência e pós para tirar o atraso mais na frente.

Além disso, uma característica que permitiu à Escola chegar aonde chegou era a fraternidade entre os professores. Pode parecer brincadeira, mas a competição entre os professores em outras

faculdades é muito mais selvagem do que aqui... Aqui existe, inclusive esse negócio de um querer tomar o lugar do outro, mas de uma maneira muito mais caipira do que se faz fora... A competição é meio inocente, com regra do jogo conhecida... Lá fora é mais do que isso.

Antigamente, me perguntavam:

– Você é da Escola Paulista?

– Sou.

– Conhece tal pessoa?

– Conheço!

Hoje, fazem a mesma pergunta e eu digo que não, porque cresceu muito! São 2.500 alunos de pós-graduação... Daí para mais! É um número muito maior do que o de graduandos! Não conheço todas as pessoas que estão fazendo pós-graduação... De vez em quando, em viagens, aparece gente dizendo que fez pós aqui e eu nem me lembro!

Mas no balanço, apesar dos problemas, que tem que ser resolvidos, a Escola Paulista de Medicina representa muito para mim... É onde desenvolvi tudo na minha vida! Não posso dizer que significa mais que a minha família, mas é quase igual... Me formei em 1965 e nunca saí daqui... São 42 anos! Não é pouco! E sempre vivendo intensamente, participando de tudo... Quem pegar os documentos pode perguntar: foi secretário do departamento de Cirurgia? Foi. Foi chefe de enfermagem? Foi. Trabalhou na enfermagem tuberculosa? Trabalhou. Fez não-sei-o-que? Fez. Organizou o primeiro congresso dos residentes? Organizou. É a minha vida... É toda a minha vida! No exterior isso não acontece, mas no Brasil todos me identificam com a Escola... São incapazes de dissociar... Quando vou dar uma conferência, não preciso colocar o logotipo da Escola porque todos sabem o que sou, de onde venho. Não tenho duas camisas.

Em um dos meus aventais está bordada a sigla LCC. É a Liga de Cirurgia Cardiovascular, formada por mais ou menos 60 alunos com quem nos reunimos toda quarta-feira, no fim de tarde. Eles colocaram o nome de Liga Costabile Gallucci. Esta é a camisa que uso! Eu opero no Einstein, opero no Hospital do Coração, no Santa Catarina, mas só ando com esse avental, porque ele representa tudo, inclusive as amizades. Me orgulho muito dos assistentes que tenho, eles foram educados através do exemplo e não do discurso, por outro lado aprendi muito com suas qualidades distintas e complementares. Certamente serão melhores que eu, antevejo um futuro brilhante para eles.

Felizmente, minha família não reclama dessa dedicação tão intensa. Tenho uma esposa que sempre entendeu. Se não, teria sido impossível, porque logo que me casei dava plantão dia sim, dia não... Para poder fazer isso, fomos morar com meu sogro, que tinha um quarto disponível... Se não, não daria. Meu irmão cuida do meu patrimônio; tenho três sobrinhos extraordinários, um melhor do que o outro; minha filha é extraordinária, casada com um médico muito bem sucedido... Minha esposa é nota 10! Minha família é nota 10! Na parte familiar, está tudo redondinho. E eu não posso me queixar da profissão... Enfrentamos problemas de vez em quando, mas tudo o que fiz deu certo: futebol, cavalo, Medicina...